



O que seria referência em nossa vida? (parte 2)

Keizo: Tenho refletido sobre o ser comum e a ignorância que a nos é inerente.

Mestre Shin: Como vimos na semana passada, o príncipe Shotoku adverte para não nos considerarmos definitivamente corretos.

Keizo: Sim, o vimos.

Mestre Shin: Além disso, ele nos sugere a observarmos que o ser humano é um “ser comum” e a ignorância lhe é inerente.

Keizo: Também ele afirmou que “o mundo é vão e falso”, ao refletir que todos, inclusive ele mesmo, são pessoas comuns. O que é ser comum no budismo?

Mestre Shin: O ser comum é caracterizado pela incapacidade de observar a realidade tal como ela é. Por isso ele é chamado de ignorante.

Keizo: De que forma ele observa a realidade então?

Mestre Shin: Final das contas ele vê o que quer e não vê o que não quer ver. Constrói uma imagem da realidade conforme sua conveniência. Nesse sentido, a realidade que ele vive é uma ilusão.

Keizo: Como o príncipe mesmo assumiu ser comum, ele não observava a realidade como ela era. Desta forma, o príncipe vivia a ilusão?

Mestre Shin: Ele comenta sobre a referência em nossa vida:

Reverenciem sinceramente os três tesouros. Os três tesouros são Buda, Dharma e Sangha. Estes são o refúgio de todos os seres. Estes seria o ensinamento infinito em qualquer país. Quem, seja de onde for, de que tempo for, não admiraria o Dharma? Os extremamente maléficos são poucos, mas quando lhes ensinam o Dharma, eles podem seguir o ensinamento. Se não contarmos com os três tesouros, como poderemos corrigir nossos erros?

Keizo: Essa passagem está repleta de ideias inéditas...

Mestre Shin: Bom, “os três tesouros” se referem ao Buda, seu ensinamento e conjunto de seguidores que ouvem o ensinamento do Buda, respectivamente.

Keizo: Certo.

Mestre Shin: Aonde os seres chegam, em último instante, seja qual país for, é religião infinita.

Keizo: Qual é religião infinita?

Mestre Shin: Segundo o príncipe, é o budismo que abrande todos, seja benfeitores e malfeitores neste mundo incerto. Sem esta referência não haveria como emendar nosso coração deturpado.

Keizo: Se eu entendo a visão do príncipe a respeito de ser comum, se seguir o caminho referenciando o Buda, Dharma e Sanga, mesmo que seja um ser comum que vive a ilusão, o ensinamento pode conduzi-lo a observar a realidade assim como ela é.

Mestre Shin: Se você imagina que bastaria aproveitar a vida por entender que não há verdade tanto no mundo quanto em você, sua vida será negligenciada.

Keizo: Já vi algumas “pessoas corretas” que acabaram pensando dessa forma, mestre.

Mestre Shin: O problema vem depois de a ilusão dissipar-se.

Keizo: Minha dúvida é a seguinte: Será que um ser comum que ignora a realidade pode seguir o caminho sem se perder em meio à ilusão que ele vive?

Mestre Shin: No momento em que você consegue perceber e reconhecer a própria ignorância, deve surgir a alegria no seu interior. Essa percepção é o ponto de partida do caminho para encerrar a ilusão.

Keizo: Eu pensava no contrário, que ao acumular méritos, o praticante avançaria para a iluminação. Por acaso, esse ponto é singular do Budismo da Terra Pura?

Mestre Shin: No Tannisho lemos as seguintes palavras de Shinran:

Para nós, seres repletos de paixões cegas, neste mundo impermanente qual uma casa em chamas, todas as coisas são vazias e falsas, nada é autêntico. Apenas o Nembutsu é verdadeiro.

Keizo: O Nembutsu se refere à recitação do nome do Buda Amida, é certo?

Mestre Shin: Para quem encontra a alegria no seu interior, a recitação do Nome passa a ser o chamado do Buda que nos conduz ao caminho.

Keizo: Namandabu

Mestre Shin: Namadabu

